

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

A Gazeta

Class.:

PIX-antecedente

Data:

18.01.50

Pg.:

476

Observações científicas no Alto Xingú

(Especial para A GAZETA pelo eng.
MANOEL RODRIGUES FERREIRA)

Parece-me que a recente publicação do Museu Nacional, "Observações zoológicas e antropológicas na região dos formadores do Xingú", é a primeira referente àquela parte do norte de Mato Grosso, desde que ali chegou a Expedição Roncador-Xingú.

Escreveram-na, três jovens cientistas brasileiros, José C. M. Carvalho, Pedro E. de Lima e Eduardo Galvão. Foi no Alto Xingú que os fizeti conhecendo e foi lá que tornamos sólida a nossa amizade. Aliás, é a solidão dos sertões brasileiros que pode criar nos indivíduos certas condições psíquicas que os tornam insuportáveis, criando animosidades no grupo, por outro lado, pode também essa mesma solidão unir mais os homens que têm consciência daquela influencia nos seus estados mentais.

Esses três jovens, estão acostumados às longas caminhadas pelo interior do Brasil; poucas pessoas sabem o que significa um cientista brasileiro fazer estudos para as nossas instituições, sempre necessitadas de verbas para as suas simples existências.

Evidentemente, nem tudo estava perdido neste país, enquanto ele contar com homens como estes três jovens, que passaram as suas adolescências e mocidades entre livros e as quatro paredes dum laboratório, para finalmente viverem longas famílias, nos recessos dos sertões, sem conforto e sob perigos constantes, quasi nada mais recebendo em troca senão unicamente a satisfação de estarem servindo à sua patria.

Conheci esses três jovens, no Alto Xingú. Quando numa certa tarde de calor tremendo, de um Douglas de transporte de carga da FAB ali desembarcou Eduardo Galvão fazendo a lingua tupi, os índios Camahurá (tupi) ficaram atônitos com aquele "caraíba" (estrangeiro) que viam pela primeira vez expressando-se no seu idioma. Evidentemente, Galvão conquistou-os mais rapidamente do que qualquer outro.

José Cândido M. de Carvalho, muito alto, muito calmo, costumava sair com os índios à procura de borboletas e outros insetos, na mata. Tinha o costume de examinar todos os peixes que pescávamos, afim de verificar os seus parábitas, quasi invisíveis, colados às escamas. Era um grande amigo dos índios, gostava também de despir-se e entrar nas aguas do igarapé, durante a pesca com o cipó timbó. Lembro-me da tarde em que, depois de havermos jantado, uma india ofereceu-lhe, com insistencia, um pedaço de peixe com

beijú, preparados à maneira indígena, e que ele comeu somente para não a desagradar.

Pedro E. de Lima é também outro veterano dos estudos científicos no sertão, conhecendo já todos os Estações brasileiros. Nele também se reconhece imediatamente um jovem de profunda cultura científica e já com tanta experiencia das asperezas da vida do interior brasileiro. Nos ambientes sertanejos, ele também nunca é considerado um intruso, mas um homem que os conhece, e que por isso os conquista e domina.

Eu e Pedro fomos os ultimos a ficar no Xingú. Lembro-me do dia em que ele, o seu auxiliar do Museu e um índio, começaram a subir o rio Caluene, em direção à aldeia dos índios Cuicuru. Logo após a partida, o velho motor de gasolina sofreu um desarranjo que inutilizou definitivamente, e por isso, eles três subiram impulsionando o barco, a remo e zinga, revezando-se o dia todo, e gastando na viagem quasi uma semana.

Nesta publicação a que me refiro, também se revela bem alto o espirito de verdadeiros cientistas que possuem esses três jovens, quando se referem, duma maneira tão amigável e agradecida, aos três irmãos Villas Boas, reconhecendo neles, os homens que criaram a possibilidade do Alto Xingú ser alcançado por avião, além do Rio das Mortes.

Vejo, portanto, desbravadores e cientistas unindo-se para o engrandecimento da patria. É portanto verdadeiramente admirável o gesto destes jovens do Museu Nacional, quando deixam bem patente a cooperação dos três irmãos Villas Boas, dos quais, aliás, Orlando colaborou até com fotografias para ilustrar aquele trabalho de conjunto.

Evidentemente, não poderia também ser esquecida a Fundação Brasil Central, cujo atual presidente, general Borges Fortes de Oliveira, a vem dirigindo com grande eficiencia.

É com intensa expectativa que presto, aqui, uma homenagem a todos os cientistas, sociais, a todos os naturalistas, na pessoa desses três jovens, José Cândido de Carvalho, Pedro Lima e Eduardo Galvão.

Todos eles vivem anônimos no sertão, onde sofrem e contraem às vezes doenças inumeráveis, trabalhando sem conforto como é proprio de um país pobre, gastando na maior parte das vezes, o seu proprio ordenado na vastidão do interior brasileiro, afim de contribuir para as pesquisas científicas das quais a nacionalidade só toma conhecimento quando são publicados os seus trabalhos, nos quais aliás, eles se esquecem de falar de si mesmos, das suas lutas e do seu sofrimento.